

VOZES PROFÉTICAS EM DÊUTERO-ISAÍAS: A RECRIAÇÃO DA IDENTIDADE DE UM POVO*

*Noli Bernardo Hahn***

Introdução

Este estudo consiste numa leitura do texto hebraico de Isaías 40–55, texto conhecido como oriundo de um contexto histórico bem específico: período em que hebreus se encontram exilados em terra estrangeira, sob a dominação de babilônios. O período do exílio babilônico inicia em 587 antes de Cristo (aC) e finda em 539 aC, quando da tomada de poder pelos persas na região do Antigo Oriente. Isaías 40–55 não é um texto que provém da primeira geração de exilados. As pesquisas mostram, com argumentos convincentes, que esse escrito emerge de hebreus que já nasceram, em sua maioria, sob a dominação da cultura babilônica. O texto, porém, não provém de todo o povo hebreu que se encontra exilado. O autor anônimo desses capítulos focalizou e ouviu o clamor de um grupo bem determinado e específico, com suas peculiaridades, dentre os exilados. Ao longo do texto, o autor caracteriza esse grupo, como veremos, de diferentes formas. Com base nas informações colhidas na leitura, denomino e caracterizo essas pessoas como filhas e filhos sem identidade ou filhas e filhos sem nome. As vozes proféticas, portanto, que procuro identificar nesse estudo, provêm do clamor de pessoas perdidas em meio a exilados sem identidade.

O olhar sócio-histórico, cultural e teológico que procuro lançar sobre Isaías 40–55, mesclando esse olhar com uma matriz teórica que vem de estudos culturais, especificamente com a ideia de sujeito que se constitui e se institui na resistência¹, possibilita uma compreensão que não se limita a uma situação e um contexto de há seis séculos aC. Nos dias atuais, inúmeras situações e os mais distintos contextos fazem nascer filhas e filhos sem nome, ou seja, sem identidade. O giro hermenêutico que faço evidencia a atualidade do tema, especialmente se olharmos para realidades urbanas (e também rurais) onde o poder público, com suas ações afirmativas, mesmo sendo na perspectiva de discriminação positiva, ainda não as alcança.

* Ideias deste artigo foram refletidas a partir de um projeto de pesquisa que teve como meta abordagens interculturais, realizado na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Santo Ângelo (RS) e encontram-se publicadas em: TEDESCHI, Losandro Antonio et al. (org.). *Abordagens interculturais*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008, p. 243-260. O texto, ora publicado em *Estudos Bíblicos*, foi reescrito na ótica de evidenciar vozes proféticas esquecidas e não ouvidas que emergem de porões encobertos pelo ritmo da vida social. Tais vozes ecoam hoje de nossas ruas das grandes cidades, como também de lugares interioranos esquecidos pelo poder público.

** Doutor em Ciências da Religião pela UMESP. Professor do Departamento de Ciências Humanas da URI, Campus de Santo Ângelo. Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Direito.

1. Estudos de Alain Touraine sobre sujeito ajudaram-me a refletir o tema da resistência em Isaías 40–55.

Não se deve ignorar, por conseguinte, ao ler Isaías 40–55, a sociedade e a cultura patriarcais em que o texto fora escrito no século sexto aC. Estudos e abordagens na perspectiva de gênero possibilitam ler dimensões ocultas, esquecidas, ignoradas, sobrepostas, exatamente por ter sido escrito a partir de uma compreensão cultural, em grande medida androcêntrica, que fez ocultar, esquecer, ignorar e sobrepor elementos culturais de uma determinada sociedade.

Convido o leitor, então, a entrar no texto ora em análise e através dele penetrar nas profundezas e esconderijos de diferentes realidades em que povos sofrem as mais distintas dominações, dentre elas também a dominação cultural. O escritor anônimo de Isaías não permite, porém, um olhar estático sobre uma determinada opressão ou um determinado domínio. Ele não escreveu o texto para que o leitor apenas soubesse o que estava sucedendo. A sua análise não se limita a uma descrição de cunho positivista. Seu olhar e seu ouvir ultrapassam as fronteiras de uma análise descritiva e faz emergir um sujeito que resiste a uma realidade e, ao mesmo tempo, cria novas possibilidades e realidades. Vamos, pois, ao texto de Isaías 40–55.

Imagine-se, leitor, num ambiente em que não se vive nenhuma esperança. Novas possibilidades parecem não aflorar. O sonho, a utopia, o futuro, nesse ambiente e lugar, não fazem parte da vida das pessoas. Realidades de esperança encontram-se ausentes. As pessoas sentem-se abandonadas, esquecidas, cansadas, sem força e sem identidade. É mais dramático ainda se estas pessoas se encontram marcadas por um sentimento de culpa motivado por uma compreensão retributiva: “estamos vivendo esta situação no presente, porque fizemos aquilo no passado!”

De repente – imagine – vem alguém e diz que aquele passado, que determina a vida presente, está apagado e pode ser esquecido. Mais: o passado está perdoado! E esta voz continua: “Vamos voar como águias! Corramos. Caminhemos. Andemos. Vamos abrir caminhos! Vamo-nos reunir e congregar. Você tem nome! Você possui identidade! Vou chamar você pelo seu nome! Cada um ajuda a seu companheiro e diz ao seu irmão: coragem! Fujamos. Não tenha medo. Não permaneça apavorado. Eu estou com você! Eu lhe fortaleço, eu lhe ajudo. Atenderei você e jamais lhe abandonarei. Desperte, levante-se! Haveis de sair com alegria! O deserto será transformado em pantanos e a terra seca se transformará em nascentes de água! O que estiver destruído e abandonado será reconstruído e habitado. O espinheiro e a urtiga não mais crescerão. No seu lugar crescerão ervas que alimentam. As árvores baterão palmas!”

As frases acima se encontram ao longo de Isaías 40–55. Mesmo que estas ideias estejam soltas, sem lógica, descontextualizadas, percebe-se que tal linguagem transpira e inspira confiança, resistência, esperança, renovação e libertação. A linguagem de dêutero-Isaías² vem selada de entusiasmo, de fazer ouvir coisas diferentes e novas. Ela pare-

2. O livro de Isaías contém, ao todo, sessenta e seis capítulos. As pesquisas mostram que três contextos históricos diferentes subjazem ao livro. O texto que aqui nos interessa, ou seja, os capítulos 40–55, é conhecido como dêutero-Isaías ou segundo Isaías.

ce revelar “coisas ocultas”³, esquecidas e apagadas da memória. A linguagem deste autor ocupa-se de algo que não se conhecia e que é criado, como uma surpresa, para quem tem dificuldades de ouvir, ver e compreender. As ideias do texto apontam notícias novas e boas notícias (40,9; 52,7). Ao ler o texto, parece que se está, de um lado, mergulhado e preso a uma cultura de dominação e do medo e, de outro, procurando caminhos para desamarrar as correntes dessa dominação que só faz ver coisas antigas!

O autor, aliás, fala de algo novo que acontece num lugar bem específico e com um determinado “povo”⁴. Esse algo novo acontece na história de pessoas que se enxergam abandonadas e desfiguradas⁵, em exílio, e são convocadas a caminhar, a novamente se tornar sujeitos com rostos de esperança. Ao ler Isaías 40–55, uma das suas ideias centrais que se evidencia é exatamente esta: animar quem está sem forças para caminhar. Neste artigo, procuro ler Isaías 40–55 nesta ótica, qual seja: como uma palavra que nasce com a finalidade de pôr fim à mentalidade de fracasso, de desânimo, de vencido e inaugurar a perspectiva da boa notícia (52,7), da esperança, da resistência, do futuro, da mudança e da transformação.

Quem são estas pessoas convocadas a trilhar um novo caminho? Em que situação elas se encontram? Em que consiste efetivamente o caminho novo a ser construído?

Estas perguntas delimitam o estudo a duas partes. Primeiro, focalizo o contexto histórico que fez emergir Isaías 40–55 e aponto ao sujeito social a partir de quem possivelmente se elabora a maior parte destes capítulos. Num segundo momento, o enfoque é cultural e teológico. Busco, nesta parte, assinalar alguns temas de perspectiva cultural e teológica de dêutero-Isaías, que evidenciam a boa notícia⁶.

1 Contexto histórico e o sujeito social em Isaías 40–55

O destinatário de Isaías 40–55 são os judeus e judaítas exilados na Babilônia e os israelitas dispersos nas ‘ilhas’ do Antigo Oriente⁷.

O exílio iniciara em 597 aC para uma significativa parcela da população de Jerusalém e de Judá. Após esta data, aconteceram ainda duas sucessivas intervenções mili-

3. Expressão que se encontra ao longo do texto de Isaías.

4. A ideia que defendo nesse artigo é a de que o texto de Isaías 40–55 não tem como referente todo o povo hebreu exilado. O olhar de Isaías focaliza o homem e a mulher, os jovens e as crianças desfigurados, aqueles que já perderam a figura de humano. O servo e a serva desfigurados são o sujeito principal de onde Isaías lê a realidade exílica.

5. A imagem de perder a figura humana, a de desfigurar, é uma imagem marcante no texto de dêutero-Isaías. Com certeza, essa imagem tem a ver com o sofrimento causado pela semiescravidão, através da corveia, em terras babilônicas, mas, também, significa a perda de identidade, o tornarem-se filhos e filhas sem identidade, sem nome.

6. A palavra traduzida como boa notícia é própria do segundo Isaías. Esta palavra poderia ser traduzida, também, como evangelho.

7. José Severino CROATTO, *Isaías: la palabra y su relectura hermenéutica*, vol. II, Buenos Aires: Lumen, 1994, entende a profecia de Isaías 40–55 prioritariamente como palavra utópico-reconstrutora de Israel exilado e disperso, desmembrado e sem identidade. As nações, apontadas geralmente como as destinatárias desta profecia, seriam fundamentalmente o âmbito do Israel disperso. No entanto veremos que a profecia de Isaías 40–55 não provém de “todo” Israel exilado e disperso. Provém de grupos bem determinados e específicos do Israel disperso e exilado.

tares babilônicas, respectivamente em 587 e 582, em que milhares⁸ de pessoas foram deportadas para terras de domínio da Babilônia, além de Jerusalém ser totalmente destruída e diversas cidades do interior de Judá serem completamente arrasadas⁹.

Isaías 40–55 é uma profecia anônima que se gera a partir de uma situação bem específica. Escrita entre 550 e 540 aC, o destinatário não poderá ser a primeira geração de exilados¹⁰. Pode-se pensar em pessoas que não sofreram diretamente a guerra-de-deportação e toda a mudança de vida que a partir deste acontecimento ocorreu.

A maioria dos ouvintes e primeiros leitores¹¹ da profecia do nosso texto nasceu no exílio sofrendo, sim, o impacto de duas correntes. Uma delas, a do desânimo, da crise de fé¹² e da indignação dos Pais¹³ deportados de há 40–50 anos e morreram ali, não podendo retornar à sua terra. Pode-se acrescer, também, a influência da cultura religiosa e política babilônica que esvazia e destrói a memória da cultura hebraica¹⁴. A outra corrente é a de manter acesa a chama da resistência contra a destruição das raízes culturais e a chama da esperança de uma futura volta às origens, do retorno à terra dos antepassados, do fim da escravidão e da corveia¹⁵.

Para entender dêutero-Isaías, não se pode ignorar que a maioria dos hebreus no exílio era usada na qualidade de servos/escravos na agricultura ou em obras públicas. Sabe-se, também, que muitos exilados morreram em cárceres. Alguns podem ter sido integrados na esfera do poder (Dn 1), mas esta não era a possibilidade e a realidade da grande maioria.

Quem era a maioria? Qual era a sua real condição de vida?¹⁶ Estas duas perguntas são respondidas, a seguir. O texto em análise traz a resposta.

8. Em todo caso, a deportação não foi massiva. No total, não deve ter ultrapassado o número de 15 ou 20.000 pessoas. A maioria pertenceu às elites dos poderes militar, religioso e político. 2Rs 24,14.16 fala em 10.000 e 8.000, respectivamente. Pode ser um número aproximado.
9. Veja, por exemplo, John BRIGHT, *História de Israel*, 2. ed., São Paulo: Paulinas, 1981, p. 442-447; Jorge PIXLEY, *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis, Vozes, 1989, p. 80-82.
10. Confira Milton SCHWANTES, *Sofrimento e esperança no exílio – História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.*, São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 89.
11. O núcleo básico de dêutero-Isaías é o exílio. O texto foi provavelmente reinterpretado na ótica da ‘diáspora’, no período persa. Veja o comentário bíblico de José Severino CROATTO, op. cit. Do mesmo autor: O dêutero-Isaías, profeta da utopia, *RIBLA*, n. 24, p. 38-43.
12. A teologia nacional embasava-se na afirmação da eleição de Sião por parte de Deus como sua morada e de um governo eterno à dinastia davídica. Decorre desta teologia o dogma inquestionável da inviolabilidade do templo, da cidade e da nação. Com a invasão babilônica, a cidade e o templo foram destruídos e a nação extinta. Confira Lucía Victoria HERNANDEZ e Humberto GIMÉNEZ, *Profetas*, Medellín: Universidad de Antioquia, 1992, p. 198.
13. O Salmo 137 deverá ser memória da indignação da primeira geração de exilados.
14. Há de se lembrar que, para os povos antigos, quem vencia a guerra era aquela nação que tivesse o Deus mais poderoso. Marduk, o deus babilônico, mostrava-se como o verdadeiro senhor da terra. HERNANDEZ, op. cit., p. 199-200.
15. Torna-se relevante lembrar que se está numa sociedade em que o modo de produção dominante não é escravagista e, sim, o tributário. A corveia consiste numa forma de trabalhos forçados semelhante à escravidão. Os babilônios recorreram à corveia para dominar os povos conquistados.
16. Para uma análise mais detalhada da servidão no império babilônico, confira Júlio Paulo Tavares ZABATIERO, *Servos do império – uma análise da servidão no dêutero-Isaías*, *Estudos Bíblicos*, n. 18, Petrópolis: Vozes, 1988, p. 37-43.

*Este povo foi saqueado e despojado (42,22)*¹⁷

Despojo e saque lembram realidades de guerra. Saqueado e despojado é a condição de quem sofreu os horrores da guerra babilônica. Mesmo que muitos talvez só tenham ouvido seus pais falarem da guerra, como tal, sua condição continuava sendo a de despojado e a de saqueado. Com certeza, havia muita gente que permaneceu nesta situação em toda a sua vida¹⁸.

Não se pode, contudo, pensar somente em homens exilados. Havia também mulheres exiladas¹⁹. Elas, em contexto de guerra e servidão, são tidas como simples objeto que poderá ser partilhado entre os soldados e senhores. Não se pode ignorar também as crianças e os jovens. Muitos deles nascidos de relações não previstas em lei e de relações de violência. Eles representam frutos do despojo! Qual será o seu futuro?

Presos em cavernas, retidos em calabouços (42,22)

Muita gente deve ter morrido, ao longo dos anos, presa em condições desumanas. Cavernas e calabouços são citados como fazendo parte da vida de israelitas. Trazem à lembrança realidades, as mais ínfimas, de presos de guerra, de gente que não aceitava ser submetida à servidão. Não é preciso esforçar-se muito para imaginar que a elite de Jerusalém (militares, religiosos e políticos) não se tenha submetido passivamente a todas as violências. A resistência deverá, em circunstâncias, ter existido. Daí se explica a lembrança do autor ao citar locais de prisão e chamar pessoas de “presos”, a maioria certamente da primeira geração, que morriam nos calabouços (prisões subterrâneas). As cavernas inspiravam alguma esperança?

Não há quem os liberte, não há quem reclame sua devolução (42,22)

Há gente totalmente abandonada e esquecida. Não há ninguém do seu lado que se preocupe com eles. Há homens e mulheres que vivem esta realidade: vivem como se não existissem. Quem são eles? Pode-se pensar em pessoas presas, desconsideradas pelo Estado, que não os defende, e abandonadas pelos familiares, que fazem questão em não lembrá-los. Pode-se pensar em filhos nascidos de relações em que a mulher é violentada, e a lei do resgate, nestes casos, não pôde ser aplicada²⁰. São filhos de ninguém! São filhos sem identidade. São filhos sem nome. Ninguém reclama sua devolução e sua liberdade.

17. Todas as citações de texto bíblico são conforme a tradução da *BÍBLIA de JERUSALÉM*, São Paulo: Paulinas, 1980.

18. Depois de 40 anos, muitos judeus nascidos no exílio também não queriam mais voltar a sua terra. Havia conseguido um patamar social que impedia sonhar em retornar às suas raízes. Sobre esta temática, veja Júlio ZABATIÉRO, op. cit., p. 39.

19. O artigo de Sandro GALLAZZI, “Por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar”, *RIBLA*, n. 21, p. 11-31, é um estudo instigante e iluminador para interpretar dêutero-Isaías a partir da ótica da mulher exilada.

20. Sandro GALLAZZI, op. cit., p. 14-15.

Jovens e moços cansados (40,29-30)

Lembra-se, ali, uma geração jovem fatigada, que anda tropeçando. Uma geração cansada e sem esperança. Jovens da servidão²¹, frutos da guerra, do despojo, do saque. Jovens enfraquecidos, sem ideal. O autor do livro percebe a contradição inerente à realidade que está enxergando e analisando: de um lado, jovens e moços que no presente deveriam estar construindo o seu futuro, no entanto encontram-se cansados e sem perspectivas.

Pobres e indigentes (41,17; 55,1)

O autor de dêutero-Isaías, na sua análise, enxerga pessoas que denomina de “pobres” e “indigentes” a quem até se nega a água para beber. “Os pobres e os indigentes buscam água, e nada!” diz o autor em Isaías 41,17. Vê-se que a eles não é negada apenas a liberdade, mas a própria sobrevivência.

Gente apavorada, que tem medo (41,10-14; 51,13)

A violência física e psicológica deve ter sido tanta que o pavor, o medo minava as pessoas que se encontravam submetidas à servidão e à cólera (fúria, ira – 41,11) dos que dominavam e mandavam. Realidades de terror que muita gente vivia – homens, mulheres, crianças e jovens – gerava uma situação de total desesperança. “Não há ninguém que os liberta” (42,22); “Até Deus se esqueceu de nós” (40,27).

Gente desprezada e vilipendiada (49,7)

Em Isaías 49,7, lembram-se escravos de tiranos que são tratados com desprezo e de forma vilipendiada. Aqui parece tratar-se de servos considerados insignificantes, de pouco valor (vil). Devem-se lembrar, também, mulheres servas que são tratadas com desprezo e insignificância.

Filhos desmaiados nas ruas (51,20)

Filhos nascidos, para uns de maneira ilegal, para outros de forma impura. Não são judaítas, nem babilônios²². “Ninguém reclama sua devolução” (42,22). Porém são filhos da cidade! Filhos sem pai e sem mãe! Sem genealogia! Encontram-se jogados pelas ruas. Estão em condição de mais mortos do que vivos! Nem servos/escravos poderão ser. A rua é o seu jazigo: “Os teus filhos jazem desmaiados nos cantos de todas as ruas ...” (51,20).

21. Destaco dois livros que foram importantes para despertar a ótica de ler Isaías 40–55 a partir do servo e da servidão: Carlos MESTERS, *A missão do povo que sofre: os cânticos do servo de Deus no livro do profeta Isaías*, Petrópolis: Vozes, 1981; *Estudo sobre Isaías Júnior*, 2. ed., São Paulo: Paulinas, 1983.

22. Novamente remeto o leitor ao texto de Sandro GALLAZZI, op. cit., p. 14-15.

Desprezado e abandonado, homem sujeito à dor, pessoa de quem todos escondem o rosto (53,3)

Quando se pergunta pelo sujeito social a partir de quem se elabora a profecia em dêutero-Isaías não se poderá ignorar: a) o homem e a mulher saqueados e despojados em guerra; b) os presos em cavernas; c) a mulher violentada e o filho gerado a partir da violência; d) os jovens que tropeçam, cansados e sem esperança; e) grupos de pessoas consideradas indigentes, a quem se nega a sobrevivência; f) pessoas que vivem apavoradas, no dia a dia, sob ameaças de violência física e psicológica de tiranos; g) escravos considerados insignificantes aos olhos dos seus donos; h) pessoas, quase mortas, nos cantos de todas as ruas da cidade. Enfim, servos e filhos de servos! Muitos sem identidade. Apenas servo ou indigente!

“Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele, tão desfigurado estava o seu aspecto e a sua forma não parecia a de um homem” (52,14). “Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele” (53,2b-3).

Para compreender Isaías 40–55, deve-se, pois, considerar o homem, a mulher, o jovem e a criança desfigurados, em exílio. Eles são, de um lado, co-autores²³ da profecia e, de outro, os destinatários prediletos da Boa Nova dêutero-Isaiana. As vozes proféticas que ecoam em dêutero-Isaías provêm exatamente dessas pessoas esquecidas, abandonadas e desfiguradas, no entanto o novo deverá brotar desse eco que poucos escutam.

Quais são os principais argumentos da profecia de dêutero-Isaías que fundamentam a sua boa notícia (52,7) da esperança, o evangelho da resistência, pondo fim, assim, à mentalidade de vencido, de desanimado e de cansado? Vou à segunda parte deste artigo e assinalo alguns temas de pertinência cultural e teológica fundamentais da profecia que nasce em meio a uma condição de vida desumana a que muitos exilados foram submetidos.

2 Enfoques culturais e teológicos de Isaías 40–55

O crime já foi perdoado (40,2)

Comunicar a um pobre que está perdoado de crimes que ele não cometeu é tirar um peso enorme de sua consciência e de sua real situação de vida. Tal significa restituir a justiça e a liberdade. O perdão é, neste sentido, a porta de entrada da casa-da-esperança que se abre no início do livro de dêutero-Isaías. O texto inicia dizendo que o perdão traz conforto e consolo (40,1). Há a consciência de que houve crimes e

23. Jorge PIXLEY, op. cit., p. 90, lembra que Isaías 40–55 não é literatura deuteronomista, nem sacerdotal. Situa ela como “autenticamente popular, surgida misteriosamente na comunidade do exílio”.

iniquidades (40,2), mas não há castigo que se deva manter eternamente²⁴. Isaías procura afirmar que os empobrecidos da segunda geração não têm mais responsabilidades pelos crimes cometidos em Jerusalém e Judá pelos chefes militares, religiosos e políticos da primeira geração. Por isso, o profeta afirma que o tempo histórico da corveia, da escravidão, do serviço de exilado está cumprido. Este tempo completou-se.

A profecia visa animar pessoas desconsoladas. Esclarece que os crimes cometidos no passado não determinarão mais o futuro. Estes já foram pagos em dobro²⁵! Expõe-se, pois, nesses primeiros versículos uma tese que deverá mudar a mentalidade cultural de, pelo menos, boa parte da população exilada. A tese é esta: crimes cometidos por gerações passadas não responsabilizam as novas gerações. O texto de Isaías questiona, pois, a tese da retribuição, ou seja, a ideia de que no presente deve-se pagar pelo que se fez no passado. Nos povos do Antigo Oriente, esta mentalidade está muito presente. Especialmente os povos conquistadores, para dominar os conquistados (exilados), recorriam a compreensões que tinham fundamentos de ótica retributiva. O povo hebreu, ao longo de sua história, integrou essa tese em sua cultura. Não faltaram vozes, porém, entre os próprios hebreus, que procuraram combater essa compreensão. O texto em análise é uma destas. Aliás, em Isaías 40–55, desautorizar a tese da retribuição é o ponto de partida para a libertação que se deverá construir.

A palavra é eficaz (40,8; 55,10-11)

Sabe-se que uma pessoa ou um grupo humano quando se encontra numa situação de ‘desfigurado’, sem identidade, como é o caso do sujeito social em Isaías 40–55, terá dificuldades em alimentar esperanças, em resistir, em sonhar. Com certeza, tal grupo humano terá dificuldades em crer, seja no outro humano ou num grande Outro (Deus). O autor anônimo do texto em estudo sabe disso. Ele tem consciência que, para construir uma identidade a um grupo disperso, esfacelado, sem nome, sem identidade, que não se conhece, que não sabe quem é, recorrer a uma tese teológica poderá ajudar a recriar um povo. Por isso, como uma moldura de um quadro, no início e no final do seu texto, o profeta transmite a consciência da eficácia da palavra de Deus. Em 40,8 lembra que a erva seca, a flor murcha, um povo igualmente tem o mesmo destino, mas a “palavra do nosso Deus subsiste para sempre”.

No final, elabora uma bela comparação da palavra de Deus com elementos da natureza para enfatizar novamente o que tem dito anteriormente:

“Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não tor-

24. Aqui se deve entender que dêutero-Isaías está na tradição dos antigos profetas que formularam a tese de que o exílio é consequência dos crimes cometidos em Samaria, Jerusalém e Judá.

25. Esta linguagem é conhecida dos hebreus exilados e/ou dispersos (Ex 22,3.6.8). Restituir o dobro significa apagar a culpa (Ex 22,8). Aqui, ao relembrar a Lei, o profeta memoriza tradições. Tem a função pedagógica de restituir identidade a partir da memória histórica.

na a mim sem fruto; antes, ela cumpre a minha vontade e assegura o êxito da missão para a qual a enviei” (55,10-11).

O profeta procura reativar e reavivar a fé em Javé e acordar o “meu povo” (40,1) para que observe os acontecimentos e perceba a mão eficaz de Javé (40,10) presente nestes acontecimentos. A tese teológica da eficácia da palavra, num contexto em que se deve também desautorizar palavras, torna-se relevante para criar identidade. A dimensão teológica, para construir e reunir um povo, nesse contexto, é central, ainda mais sabendo que sua história se constituiu a partir de uma história de cunho religioso.

Abram no deserto um caminho (40,3)

Por que abrir um caminho no deserto? Quem caminhará ali? Quem verá e viverá alegrias e manifestações interessantes neste caminho?

O perdão desamarra e liberta. Faz sonhar e imaginar caminhos! Cria possibilidades. Inova situações a partir de pessoas que se renovam. Estas, agora, são convocadas a relembrar a antiga tradição do Êxodo²⁶ e criar um novo êxodo. Este será menos sofrido do que o antigo. Será, sim, mais fantástico!²⁷ Aqui se deve recordar que em dêutero-Isaías o servo desfigurado é a principal força histórica mediadora à criação do caminho. Sua vida já é um sofrimento insuportável. No novo êxodo não poderá faltar água, nem comida!

Percebe-se novamente que, para a construção e a recriação da identidade de um povo, fazer a memória histórica é fundamental. No entanto não é toda e qualquer memória que incide em libertação. Quando se trata de integrantes culturais, constata-se, a partir de dêutero-Isaías, que há elementos culturais que desarticulam, que esfacelam, que rompem e destroem um povo. Há outros que articulam, reúnem e que abrem caminhos para a recriação de identidades culturais. Como já se argumentou anteriormente, desconstruir e desedimentar²⁸ uma teologia da retribuição – que é um elemento ou integrante cultural – para o nosso autor anônimo é de extrema importância para construir novas compreensões e abrir outros caminhos.

26. “Segundo-Isaías retomou as três tradições sobre a eleição que estão na base de toda profecia (as tradições relativas ao Êxodo, a Davi e a Sião), e lhes imprimiu sua marca em poemas de grande valor. Mas se considerarmos o conjunto de sua visão de futuro, é sem dúvida a tradição relativa ao êxodo que está em primeiro plano.” Gerhard VON RAD, *Teologia do Antigo Testamento*, vol. II, São Paulo: ASTE, 1986, p. 230. Para o leitor menos familiarizado com a literatura hebraica, é relevante lembrar que a tradição do Êxodo integra a organização dos hebreus semiescravizados no Egito, suas lutas para conseguir fugir e voltar à terra de Canaã e a passagem propriamente dita da escravidão à liberdade. Um texto de referência é Êxodo 1–15.

27. Para perceber a releitura de dêutero-Isaías da tradição do Êxodo, compare: Dt 26,8 com 52,12b; Ex 6,6 com 40,10; Ex 14,21-31 com 51,9-10; Ex 17,1 e Dt 8,3-4 com 40,3; Ex 16,13-16 com 41,17-19; Ex 13,21 com 40,3; Ex 16,3 e 17,3 com 49,10; Ex 10,21-23 com 49,13 e 55,12; Ex 12,11.33.39 com 52,12; Ex 14,25b com 42,13. “Não há nenhuma dúvida de que o segundo-Isaías concebe o êxodo dos resgatados saindo de Babilônia como ligado, na história da salvação, ao êxodo de Israel do Egito.” Gerhard VON RAD, *op. cit.*, p. 236.

28. Lembro a contribuição do filósofo francês Jacques Derrida para entender o método de desconstrução e de-sedimentação de compreensões culturais. Derrida escreveu mais de oitenta livros. Para uma compreensão preliminar do seu pensamento, confira: HAHN, Noli Bernardo. Jacques Derrida: este que pensou desconstruções. In: OLIVEIRA JÚNIOR, José Alcebiades de. *Faces do multiculturalismo – Teoria, Política, Direito*. Santo Ângelo (RS): Ediuri, 2007, p. 185-197.

Javé é pastor, senhor do universo e da história (40,10-31)

Recriar uma identidade a filhas e filhos sem nome requer discernir matrizes teóricas e núcleos de fé identificatórios. O autor anônimo de Isaías 40–55 consegue integrar com muita inteligência uma matriz teórico-teológica ampla e vários núcleos de fé específicos que convergem a essa matriz teórica genérica. O autor relembra aos sem identidade que o seu Deus é um Deus histórico. Esta é a matriz teórico-teológica: o discernimento da ação divina na história não como um espírito que vem de fora da história e ali se manifesta, de forma milagreira, e sim um Deus que caminha lado a lado acompanhando os acontecimentos históricos. Os distintos núcleos de fé mostram-se pelos diferentes nomes que esse Deus recebe.

Em Isaías, portanto, a glória de Javé manifestar-se-á num acontecimento histórico. Revelar-se-á no caminho do deserto. Consiste num novo êxodo. Neste novo êxodo, Deus se mostrará como um pastor que apascenta, reúne, carrega e conduz carinhosamente (40,11). Ele é o criador de todo o universo e é o senhor que mantém as rédeas da história no seu braço (40,10.26). Ele é incomparável (40,18-25). Em síntese, é o resgatador (*Go'el*)²⁹. Aquele que resgata “Israel” das situações mais difíceis. Aquele que liberta das prisões; apaga as transgressões e esquece-as; como pastor e mãe, vai estendendo a mão e congrega os jovens desmaiados pelas ruas. Restitui a solidariedade histórica entre as pessoas. O *Go'el* é o que regenera, aviva, torna figura humana aquele que se encontra desfigurado. Neste sentido Ele é o “Santo de Israel” (41,14; 43,3.14.15; 47,4; 48,17; 49,7; 54,5), o “especial de Israel”³⁰.

O profeta enxerga, também, que os exilados se encontram influenciados pela cultura religiosa babilônica. Javé, o Deus dos Pais, o Deus da aliança (54,10) para a maioria dos exilados, não deverá ser o que mantém o controle da história. Marduk, o deus babilônico, mostrou-se mais forte. O profeta procura reavivar a memória histórica do primeiro Êxodo e identifica o libertador como o criador, e também como pastor e resgatador, possibilitando, assim, sentido a um novo caminho que terá de ser traçado.

Este conjunto de imagens a um único Deus tem uma finalidade muito clara: possibilitar a consciência da liberdade em pessoas que não a possuem, para que se animem a recriar perspectivas de vida, congregando, reunindo e se acolhendo. A figura de Deus libertador, criador, pastor e resgatador recria a identidade de povo, a partir da condição de escravo e filho de escravo, para animar-se a buscar alternativas de saída, possibilidades de fuga. A memória do primeiro Êxodo, neste sentido, é desafiadora e subversiva.

Aqueles que esperam (em Javé) renovam suas forças (40,31)

Outra tese teológica relaciona-se com o verbo esperar. Javé, como criador, libertador, pastor, resgatador, não se cansa e nem se fatiga. Ele espera e faz esperar. Além do mais, dá forças ao cansado e vigor ao enfraquecido.

29. *RIBLA*, n. 18, traz vários artigos sobre a temática do *go'el*. Recomendo o estudo de José Roberto ARANGO L. “Deus solidário com seu povo – o *Go'el* no dêutero-Isaías”, p. 47-54.

30. Confira o comentário sobre dêutero-Isaías de José Severino CROATTO, op. cit., especialmente as p. 50-51.

O profeta visa animar e encorajar pessoas cansadas, sem força e sem esperança. Clama (40,3) e grita (40,6) para que abram as asas como águias, corram e caminhem (40,31). O apelo do profeta é o de que não se fique parado. Esperar em Javé significa renovar-se, movimentar-se. Esperar significa voar, correr, caminhar!

Esperar consiste em uma atividade de criar possibilidades. Esperar é a atitude fundamental daquele que acredita. É um exercício gerador do novo, do inexistente ou daquilo que parece ser inconcebível. Esperar, em dêutero-Isaías, não representa uma realidade estática. Consiste em dinamizar soluções para situações a serem superadas. Abrir caminhos! (40,3) Abrir portas! (45,1) Portões não sejam fechados! (45,1).

Tal linguagem e perspectiva só se entendem lembrando o sujeito social que está por detrás do texto. É um sujeito cansado, desanimado, desfigurado. É servo. É um sujeito sem nome, desmaiado pelas ruas. Tal sujeito social são homens e mulheres, jovens e crianças que, por vezes, não parecem figura humana. Esperar, para nosso autor anônimo, concebe-se a partir deste sujeito historicamente desfigurado e que é chamado a redimensionar e recriar a sua vida.

Desde o ventre de minha mãe pronunciou o meu nome (49,1)

“Por acaso uma mulher se esquecerá de sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esqueceria de ti” (49,15).

Façamos novamente uma memória do que já foi dito anteriormente. Lembremos os filhos desmaiados por todas as esquinas das ruas; filhos gerados a partir das realidades de violência; os filhos tirados dos braços de suas mães (49,20); elas desfilhadas, exiladas e rejeitadas (49,21). Filhos sem pai e sem mãe. Sem identidade. Desfigurados. Até esquecidos pelas suas mães! “Quem os criou?” (49,21) A rua, o cárcere, o tirano!

Porém, uma voz em dêutero-Isaías ecoa dizendo que mesmo que as mães não lembrem mais seus filhos, “eu não me esquecerei de ti” (49,15). E estes filhos e filhas serão trazidos e carregados em seios, braços e ombros! (49,22). Serão reunidos e congregados (43,5), porque todos eles têm nome. Sendo que seus nomes já foram pronunciados antes dos seus nascimentos!

Existe uma perspectiva mais universal do que esta? Reconhecer quem a sociedade (e até a mãe) não reconhece. Identificar quem nunca teve identidade. Pronunciar o nome de alguém que todos dizem: ‘não tem nome’. Tal perspectiva teológica só pôde nascer e ser tematizada a partir de quem faz a experiência de abandonado, humilhado e desfigurado, mas é importante ressaltar que na figura desfigurada do humano o humano é reconhecido.

Sai da Babilônia, fugi de entre os caldeus (48,20)

Para a maioria dos exilados deveria ser inimaginável, pelas circunstâncias históricas de servidão e opressão babilônica, pela consciência política de um exilado, incul-

turado na cultura do opressor, acreditar numa perspectiva de libertação, de sair e/ou fugir de entre os caldeus.

Anunciar, proclamar, espalhar (48,20) uma notícia desta grandeza é, de fato, ouvir coisa nova, oculta, que não se conhecia, criada agora (48,6-7). Criar a fuga, a saída de Babilônia, retornar à terra dos pais e construir novamente uma identidade de povo é o núcleo do conteúdo profético de Is 40–55³¹. Todos os demais conteúdos circundam este núcleo.

A temática recebe atenção a partir do início do livro. “Abrir um caminho para Javé” (40,3) consistia em preparar a saída, a fuga. Isaías 48,20-21 concluem o primeiro bloco (40–48) com uma belíssima conclamação para o fim do exílio.

No segundo bloco (49–55), onde o tema predominante é a restauração de Jerusalém, a saída de Babilônia, o retorno à terra recebe uma atenção toda especial. Vários versículos, em lugares estratégicos do texto, lembram este conteúdo (49,9-12; 49,22; 52,11-12; 55,12). É significativo que o profeta inicia e conclui o seu livro apontando o novo êxodo.

Quem, no entanto, deverá fugir de entre os caldeus? Quem está sendo convocado? Todos os dispersos e exilados? Parece-me que não. A palavra animadora, consoladora e convocadora tem como interlocutor um grupo bem específico: as filhas e os filhos sem nome, as filhas e os filhos sem identidade. São eles os primeiros chamados (“desde o ventre materno pronunciou o meu nome” – 49,1) a enfrentar o novo êxodo. A perspectiva de dêutero-Isaías é o servo. É a partir dele que a profecia projeta o futuro. Relê tradições antigas numa perspectiva totalmente nova. Dêutero-Isaías não esqueceu as tradições de Sião/Jerusalém. A sua ênfase, porém, é a de que a cidade “será edificada sobre a justiça; livre da opressão, do medo e do terror” (54,14). Projeta-se, assim, exatamente o contrário das realidades que os servos, os encarcerados, os filhos sem nome estão vivendo.

Os interlocutores do nosso profeta conhecem também as tradições sobre Davi. Mas não sonham em restaurar a monarquia. A única recordação das promessas feitas para Davi (2Sm 7,5-16) se encontra em 55,3. Ali é o povo que as incorpora e não se pensa num rei.

Isaías 40–55 só poderá vir de grupos que vivem realidades difíceis e desumanas no exílio e sonham com um novo êxodo e uma nova Jerusalém. O seu rosto resplandece em agonia e em esperança. Esta esperança nasce e se constrói a partir da crença no Deus libertador, criador, pastor e resgatador.

Uma palavra de síntese

Sentir-se perdoado; perceber a eficácia histórica de uma palavra regeneradora e recriadora; ter como referenciais experiências históricas de libertação (1º Êxodo);

31. Confira: Milton SCHWANTES, op. cit., p. 92-94.

confiar na possibilidade real de um resgate de pessoas da servidão, da violência, de cárceres, das ruas; saber esperar, buscando forças para dinamizar soluções para situações a serem superadas; sentir-se chamado, pelo seu nome, mesmo antes de ter nascido (pois em vida ninguém sabe seu nome); perceber luzes para fugir da servidão, acompanhado pelo mesmo Deus (dimensão teológica), que acompanhou e libertou os escravos do Egito, provocam e criam uma mudança radical de mentalidade. A profecia de dêutero-Isaías cria do fundo do abandono e da servidão a consciência da possibilidade de uma identidade, da possibilidade da fuga, da possibilidade da recriação. Do fundo da servidão nasce o sentido libertador da saída de Babilônia. Esta consciência é fundamentalmente gerada pelos grupos mais marginalizados no exílio. Não provém daqueles que, como lembra 2Rs 25,27-30, foram libertos de prisões e integrados no governo babilônico.

Conclusão

A novidade de Isaías 40–55 não está em inventar algo totalmente novo. Consiste, sim, em relembrar as antigas tradições do Israel e relê-las a partir de um grupo social bem específico, a partir de um lugar bem determinado, tendo como dimensão teleológica reconstruir uma identidade que se descaracterizou com o exílio. Enquanto exilados, a exploração econômica e a dominação cultural foram decisivas para gerar uma cultura desfigurada, figura esta que impossibilitava muitos do povo hebreu se reconhecerem.

Ao relembrar e reler as tradições já conhecidas a partir de uma condição e situação sociais específicas, velhos paradigmas deram lugar a novos, sem, no entanto, romper definitivamente com o passado.

A coisa nova justamente acontece ao acender a consciência da condição de exilado e ao despertar a memória das tradições culturais teológicas do passado. O Deus que libertara os escravos no Egito, do fundo da escravidão (Ex 2,23), é o Deus que agora pronuncia o nome daqueles que não possuem nome reconhecido na sociedade. Revigora neles forças para resistir à dominação, cultivar a esperança e retornar à sua terra. As promessas feitas a Davi continuam válidas, porém, não através da mediação de um rei. Jerusalém deverá renascer, mas apenas como uma cidade justa.

A profecia de Isaías 40–55 é iluminadora, desafiadora e interpeladora para a compreensão da realidade em que vivem milhares de pessoas na atualidade. O texto de Isaías não deixa de ser e de significar um apelo à conversão/mudança permanente em sensibilizar-se com os sem nome, os sem genealogia, e criar e/ou inventar soluções históricas para humanizar a vida de pessoas, de grupos sociais e étnicos condenados pela sociedade a uma condição apenas de sobrevivência desumana. Na atualidade, no mundo urbano e também em realidades de campo, ecoam vozes que o ritmo social procura impedir escutar. Dêutero-Isaías clama e convoca para ouvir estas vozes irreconhecíveis em meio ao humano desfigurado e nele reconhecer a figura humana.

Bibliografia

ARANGO, José Roberto. Deus solidário com seu povo – o *Go'el* no dêutero-Isaías. In: *RIBLA*, n. 18, p. 47-54.

BRIGHT, John. *História de Israel*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

CROATTO, José Severino. *Isaías: la palabra y su relectura hermenêutica*. Vol. II, Buenos Aires: Lumen, 1994.

CROATTO, José Severino. O dêutero-Isaías – profeta da utopia. In: *RIBLA*, n. 24, p. 38-43.

GALLAZZI, Sandro. Por meio dele o desígnio de Deus há de triunfar. In: *RIBLA*, n. 21, p. 11-31.

HAHN, Noli Bernardo. Jackes Derrida: este que pensou desconstruções. In: OLIVEIRA JÚNIOR, José Alcebíades de. *Faces do multiculturalismo – Teoria, Política, Direito*. Santo Ângelo (RS): Ediuri, 2007, p. 185-197.

HERNANDEZ, Lucía Victoria; GIMÉNEZ, Humberto. *Profetas*. Medellín: Universidad de Antioquia, 1992.

MESTERS, Carlos. *A missão do povo que sofre: os cânticos do servo de Deus no livro do profeta Isaías*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MESTERS, Carlos. *Estudo sobre Isaías Júnior*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989.

SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e esperança no exílio – História e teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987.

TEDESCHI, Losandro Antonio et al. (org.). *Abordagens interculturais*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008.

TOURAINÉ, Alain. *A busca de si: diálogo sobre o sujeito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

TOURAINÉ, Alain. *Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2006.

VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. Vol. II, São Paulo: ASTE, 1986.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Servos do império – uma análise da servidão no dêutero-Isaías. In: *Estudos Bíblicos*, n. 18, Petrópolis: Vozes, 1988, p. 37-43.

Noli Bernardo Hahn
Caixa Postal 202
98800-970 Santo Ângelo – RS
nolihahn@urisan.tche.br
olihahn@bol.com.br